



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CAMILA XAVIER DE OLIVEIRA**

**FUNÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E AS ALTERNAÇÕES DO MORFEMA /-NE/ DA  
LÍNGUA INDÍGENA YAATHE**

**DELMIRO GOUVEIA – AL**

**2018**

**CAMILA XAVIER DE OLIVEIRA**

**FUNÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E AS ALTERNAÇÕES DO MORFEMA /-NE/ DA  
LÍNGUA INDÍGENA YAATHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para aquisição do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva

DELMIRO GOUVEIA – AL

2018

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

O48f Oliveira, Camila Xavier de

Função, distribuição e as alterações do morfema /-ne/ da  
Língua Indígena Yaathe / Camila Xavier de Oliveira. – 2018.  
40 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva.  
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal  
de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia,  
2018.

1. Morfologia. 2. Línguas indígenas. 3. Língua Yaathe.  
I. Título.

CDU 811.87'3

FICHA DE AVALIAÇÃO

CAMILA XAVIER DE OLIVEIRA

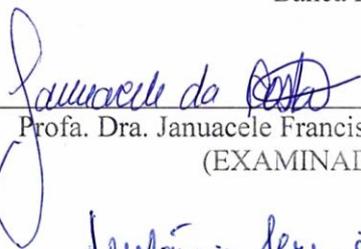
FUNÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E AS ALTERNAÇÕES DO  
MORFEMA /-NE/ DA LÍNGUA INDÍGENA YAATHE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Alagoas, UFAL, como requisito  
parcial para obtenção do grau de  
Licenciada em Letras/Língua  
Portuguesa, tendo como orientadora a  
Professora Doutora Fábica Pereira da  
Silva. Aprovado em 25/10/2018

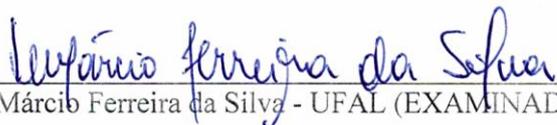


Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fábica Pereira da Silva -UFAL (ORIENTADORA)

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa – UFAL A. C. Simões  
(EXAMINADORA EXTERNA)



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva - UFAL (EXAMINADOR INTERNO)

*À minha família.  
Em especial...  
À minha mãe e minhas irmãs.*

## **Agradecimentos**

Chegar a esta etapa é um prazer enorme para qualquer pessoa, mas a realidade é que não chegamos a lugar nenhum sem a ajuda de ninguém. Orgulho-me pelo que fiz, mas agradeço pela força dos mais próximos que recebi. Agradecer é uma palavra tão bonita e, ela deve sim ser usada, pois quem é grato por algo, sabe valorizar a sua trajetória para chegar onde chegou.

Agradeço primeiramente a Deus e a Sua mãe Maria Santíssima, pela sua força e intercessão em toda a minha caminhada.

Agradeço a minha família. Minha mãe, Maria do Carmo (minha Carminha), que sempre me apoiou, me incentivou, é e sempre será o meu porto seguro. As minhas irmãs, Claudiana e Cláudia, por todo apoio. Minhas meninas, obrigada pela confiança e por terem acreditado (e investido) em mim, serei eternamente grata a vocês três. Não poderia esquecer do meu pai, Manoel, e meus irmãos, Clóvis, Clênio, Cláudio e Cássio, meus meninos, obrigada por tudo.

Agradeço também as minhas sobrinhas (os), as minhas cunhadas (os). À Noêmia, porque além de ser sobrinha, ser amiga, confidente, agradeço por tudo minha linda. Só Deus sabe o quanto a força e o amparo de vocês me foram de muita importância.

Gostaria de agradecer a minha tia Geralda e família, pela hospitalidade e solicitude sempre que foi preciso. À Edileide e Cláudio pelas caronas sempre que foi preciso.

Não poderia deixar de agradecer aos meus companheiros de caminhada, meus amigos, os mais antigos e os mais novos. A minha turma “Os Letreiros”, e em especial as minhas “Letrandas mito”. Destacando Marta, que está na minha vida da infância até hoje, companheira na vida.

De modo especial, agradeço também a minha prima Luíza (in memoriam), por ter sido um exemplo de força e coragem na vida de todos da família. A Cristiano, Arthur,

pessoas especiais que Deus levou da minha vida, mas que são inspirações para mim e os carrego em minha mente e em meu coração.

Não poderia deixar de agradecer aos professores por toda a experiência passada. Destaco aqui, os professores Elyne, Márcio, Thiago e em especial a minha orientadora, professora Fábia.

Agradeço ao Thiago pela oportunidade de ter participado do GEHCE<sup>1</sup> e, mais uma vez, a Fábia, pela oportunidade de participar do GELIND<sup>2</sup>.

Agradeço também pelo PIBIC, pelo apoio científico e também financeiro. Além desse trabalho ser fruto da minha pesquisa pelo projeto. Foi uma experiência enriquecedora, na qual tive oportunidades de trabalhar com pesquisa e aflorar o meu lado de pesquisadora.

Sem esquecer dos informantes que tiveram papel fundamental nesta pesquisa, nas pessoas do Djik (Cícero), Nelma, Telma e Ivolene. Sem deixar de agradecer a hospitalidade de Dona Maria José.

À Celsa e Januacele, que disponibilizaram a sua casa para ser realizado as entrevistas, e também pela acolhida.

Sem mais delongas, gostaria apenas de deixar claro a minha gratidão a todos e dizer que eu não chegaria a lugar nenhum sem o apoio de vocês, seja de que modo tenha sido. Finalizo aqui com a sensação de dever cumprido e a certeza de que minha caminhada está só começando.

---

<sup>1</sup> Grupo de estudos em história da cultura escrita.

<sup>2</sup> Grupo de estudos em línguas indígenas.

*Buscas o conhecimento e jamais morrerás ignorante...*

*AD*

## RESUMO

A presente monografia teve por objetivo estudar a *Função, distribuição e alterações do morfema /-ne/ da língua indígena Yaathe*. Para a realização deste trabalho, ancoramos o nosso estudo em bases fonológicas e morfológicas, como suportes para discorrer sobre o tema já abordado. Para a obtenção de resultados nessas áreas pesquisadas, procuramos explicações em BATISTA (2001), BORBA (2008), SILVA (2015). O método utilizado para a realização deste trabalho é comumente utilizado em trabalhos dessa área. Por se tratar de uma pesquisa linguística com base descritivista, foi feita uma pesquisa de campo, com coleta de dados, transcrições, tratamento e elicitación de dados, tendo sido submetido à análise correspondente à teoria referente ao objeto pesquisado. Para complementar a pesquisa, foi necessário recorrer a alguns estudos na língua Yaathe, como de COSTA (1999), SILVA (2011), SILVA (2016). Esses dados pertencem ao Banco de Dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô). A monografia apresenta quatro capítulos. O primeiro discorre sobre os índios Fulni-ô. O segundo contextualiza um breve percurso sobre a linguística, perpassando pela linguística indígena. O terceiro traz a teoria utilizada e os aspectos metodológicos, discorrendo brevemente sobre a morfologia e a fonologia como teoria de aporte e, contextualizando essas áreas no Yaathe. O quarto capítulo são os resultados da nossa análise do tema pesquisado. Com o estudo do morfema /-ne/, foi observado a sua função, a sua distribuição e sua alteração na língua Yaathe. Observamos que ele pode demarcar palavras femininas e, também, verbos em formas cristalizadas, sendo os verbos factivos e causativos. Percebemos então, que o morfema estudado desempenha mais de uma função no Yaathe e o seu uso dependerá da forma em que a língua será usada pelo falante. Atentando que, para compreendermos o papel que morfema está desempenhando nas palavras da língua, é necessário compreender o que antecede a palavra, e em alguns casos até o que sucede.

**Palavras-Chave:** Língua Indígena; Yaathe; Morfema /-ne/.

## RESÚMEN

La presente monografía tuvo por objetivo estudiar la Función, distribución y alternaciones del morfema / -ne / de la lengua indígena Yaathe. Para la realización de este trabajo, anclamos nuestro estudio en bases fonológicas y morfológicas, como soportes para discurrir sobre el tema ya abordado. Para la obtención de resultados en esas áreas investigadas, buscamos explicaciones en BATISTA (2001), BORBA (2008), SILVA (2015). El método utilizado para la realización de este trabajo es comúnmente utilizado en trabajos de esa área. Por tratarse de una investigación lingüística con base descriptiva, se realizó una investigación de campo, con recolección de datos, transcripciones, tratamiento y elicitación de datos, habiendo sido sometido al análisis correspondiente a la teoría referente al objeto investigado. Para complementar la investigación, fue necesario recurrir a algunos estudios en la lengua Yaathe, como de COSTA (1999), SILVA (2011), SILVA (2016). Estos datos pertenecen al Banco de Datos del Proyecto Documentación de la Lengua Indígena Brasileña Yaathe (Fulni-ô). La monografía presenta cuatro capítulos. El primero discurre sobre los indios Fulni-ô. El segundo contextualiza un breve recorrido sobre la lingüística, pasando por la lingüística indígena. El tercero trae la teoría utilizada y los aspectos metodológicos, discurre brevemente sobre la morfología y la fonología como teoría de aporte y, contextualizando esas áreas en el Yaathe. El cuarto capítulo son los resultados de nuestro análisis del tema investigado. Con el estudio del morfema / -ne /, se observó su función, su distribución y su alternancia en la lengua Yaathe. Observamos que puede demarcar palabras femeninas y, también, verbos en formas cristalizadas, siendo los verbos factivos y causales. Se percibe entonces que morfema estudiado desempeña más de una función en el Yaathe y su uso dependerá de la forma en que la lengua será usada por el hablante. Atendiendo que, para comprender el papel que morfema está desempeñando en las palabras de la lengua, es necesario comprender lo que antecede a la palabra, y en algunos casos hasta lo que sucede.

**Palabras Clave:** Lengua Indígena; Yaathe; Morfema / -ne /.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**CAUS** = Causativo

**DIM** = Diminutivo

**FAC** = Factivo

**INF** = Infinitivo

**IND** = Indicativo

**FUT** = Futuro

**POS** = Possessivo

**S** = Sujeito

**1SG** = Primeira pessoa do singular

## LISTA DE SÍMBOLOS

- / / Transcrição fonológica
- : Alongamento de vogal
- [ ] Transcrição fonética
- ' Acento principal
- ˊ Acento secundário
- Fronteira de morfema
- = Clítico

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização da cidade de Águas Belas, Pernambuco.....	15
Figura 2 – Aparelho fonador.....	24
Figura 3 – Tabela do IPA.....	25

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fonemas consonantais do Yaathe.....	27
Quadro 2 – Fonemas vocálicos do Yaathe.....	27

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. Yaathe: a língua dos Fulni-ô.....	15
2. A LINGUÍSTICA E O ESTUDO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS.....	17
2.1. Linguística indígena.....	19
2.2. Classificação das línguas indígenas brasileiras.....	20
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	22
3.1. Fonologia: Desbravando os sons.....	22
3.1.1. Fonemas do Yaathe.....	26
3.2. Morfologia: estudando a estrutura das palavras.....	28
3.2.1. Conceito de morfema.....	29
3.2.2. Morfologia do Yaathe.....	30
3.3. Metodologia da pesquisa.....	30
4. MORFEMA /-NE/: RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

## 1. INTRODUÇÃO

De 1500 até hoje muita coisa foi mudada em relação aos povos indígenas e suas línguas. Muitas línguas foram apagadas através da violência física e étnica. Tudo contribuiu para que houvesse a morte de muitos povos e, conseqüentemente, de suas línguas.

De 1200 línguas (estimadas existir antes da época da chegada dos 'portugueses<sup>3</sup>), há apenas 180 que sobreviveram ao tempo. Dessas 180 línguas temos o Yaathe, língua nativa do povo Fulni-ô que habita no nordeste do país. É para essa língua que este trabalho está voltado.

O interesse por esse trabalho surgiu a partir do momento em que ingressamos no GELIND<sup>4</sup> e, tivemos a oportunidade de participar como bolsista do PIBIC<sup>5</sup>. Ao ingressar no projeto pudemos pesquisar o que agora apresentamos como resultado.

O tema pesquisado foi a *função, distribuição e alternância do morfema /-ne/ da língua indígena Yaathe*. Ele foi sugerido pela orientadora do projeto, já que havia necessidade de um estudo específico do nosso trabalho na língua estudada. O tema foi o discutido no projeto e, estendido para este trabalho de conclusão de curso.

O método utilizado para a realização deste trabalho é comumente usado em trabalhos dessa área, por se tratar de uma pesquisa linguística com base descritivista. O trabalho está embasado em uma pesquisa de campo, com coleta de dados, transcrições, tratamento e elicitación de dados, submetendo os resultados obtidos à análise correspondente à teoria referente ao objeto pesquisado.

Para a realização dessa entrevista o grupo GELIND foi a cidade de Águas Belas, Pernambuco, onde foram feitas as entrevistas. Ao todo foram quatro informantes, os quais responderam às perguntas dos entrevistadores/estudantes. Para isso, foi elaborada uma lista de palavras para alguns estudantes e para outros uma lista de frases, dependendo do tema e da necessidade de cada um. As frases e as palavras eram ditas em português e o entrevistado respondia em Yaathe. No final da entrevista, os entrevistados contavam alguma história da sua vida em Yaathe e faziam uma tradução livre para o português.

---

<sup>3</sup> Segundo Rodrigues, 2005.

<sup>4</sup> Grupo de Estudos em Línguas Indígenas.

<sup>5</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Os dados foram gravados em gravadores profissionais disponibilizados pelo grupo FONUFAL<sup>6</sup>. Utilizamos também, dados que já estão disponíveis no Banco de Dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô) bem como informações de outros trabalhos já realizados sobre a língua, como os de Costa (1999), Silva (2011) e o de Silva (2016).

No caso dos áudios, foi feita a transcrição desses dados e, logo após, foi feito o estudo deles para identificar se a informação colhida se encaixa no tema proposto para o projeto de pesquisa de cada estudante. Para complementar, se preciso, era realizado uma busca no banco de dados disponível e nos trabalhos sobre a língua Yaathe.

Para a realização deste trabalho, ancoramos o nosso estudo em bases fonológicas e morfológicas, usando-as como suportes para discorrer sobre o tema estudado. Para que fosse possível obter os resultados aqui expostos, procuramos embasamento teórico em alguns pesquisadores da área, como, Borba (2008), Silva (2015). Já para contextualizar a morfologia e fonologia do Yaathe, recorreremos a Costa (1999), Silva (2011) e Silva (2016).

O nosso trabalho é composto por quatro capítulos, divididos em teoria e análise/resultados. O primeiro capítulo, é esta introdução e uma breve discussão sobre os índios Fulni-ô e sua cultura. O segundo capítulo traz um breve percurso sobre a linguística, perpassando pela linguística indígena tendo o objetivo de situar o leitor sobre o assunto e a teoria correspondente a ele. Para obtenção dos resultados nesse capítulo, usamos referências como Rodrigues (2005), Orlandi (2009). O terceiro capítulo traz a teoria utilizada no nosso trabalho e os aspectos metodológicos necessários para obtermos resultados na nossa pesquisa. Discorreremos brevemente sobre as teorias morfológicas e fonológicas por ser o aporte para a realização desta pesquisa. O quarto capítulo vem trazer os resultados da nossa análise no tema estudado.

No que se discute, com o resultado da nossa pesquisa, percebemos o papel do morfema /-ne/ na língua Yaathe, referente a sua função, distribuição e alterações. Em todo o trabalho, o objeto de estudo foi mostrado com exemplos para melhor entendimento do leitor.

---

<sup>6</sup> Grupo de Estudos de Fonética e Fonologia da Faculdade de Letras, UFAL, Campus Maceió.

Todo o nosso trabalho foi feito a partir de dados reais da língua, já que são provindos de falantes nativos dela. Desse modo, o trabalho ajudará também no banco de dados do Yaathe, corroborando também para pesquisa nessa língua.

### 1.1. Yaathe: A língua Fulni-ô

Os índios Fulni-ô são habitantes da cidade de Águas Belas, localizada em Pernambuco (mapa abaixo). Juntamente com índios do Maranhão, são os únicos do Nordeste que mantêm a língua nativa viva. Essa língua em questão é o Yaathe, que significa “nossa fala”. De acordo com Rodrigues (1986) *apud* Silva (2016), está filiada remotamente ao tronco Macro-jê, “sem relação direta atestada com nenhuma outra língua indígena brasileira conhecida” (SILVA, 2016, p.1).

**Figura 1: Mapa de localização da cidade de Águas Belas, Pernambuco.**



Fonte: [www.familiagueiros.com.br](http://www.familiagueiros.com.br)

Segundo Silva, 2016, p. 1, “Fulni-ô é uma autodenominação, que significa ‘o que tem rio’, e deve-se ao fato de a terra indígena Fulni-ô estar localizada a pouca distância da margem esquerda do Rio Ipanema, um afluente do Rio São Francisco”. O povo Fulni-ô têm três aldeias, uma fica localizada na cidade de Água Belas, “onde se encontram as instalações do Posto Indígena da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)” (SILVA, 2016, p.1), e outra mais afastada, denominada de Ouricuri, que é a aldeia destinada aos rituais particulares, desses rituais somente os índios Fulni-ô

podem participar. Ainda há um grupo que também é Fulni-ô moradores da aldeia Xixiakhia.

A cultura/identidade na aldeia ainda é preservada, “A identidade étnica do povo Fulni-ô é preservada e definida a partir de dois aspectos da cultura: a língua e a religião” (COSTA, 1993). Sendo a língua materna usada na aldeia pelo os moradores.

Há importância na preservação da cultura indígena, cultura essa que sofreu e sofre repressões. Ao passar do tempo, cada vez mais, vai sendo difícil manter essa cultura. Em questões de língua, é sabido que diversas línguas já estão mortas, por isso há atualmente a preocupação em documentá-las para não serem apagadas. Ao apagar uma língua estamos apagando a cultura de todo um povo.

## 2. A LINGUÍSTICA E O ESTUDO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

A linguística é a ciência que estuda a linguagem humana em diversos aspectos, como o fonético, o morfológico, o sintático, o semântico, considerando as línguas como heterogêneas e que possuem uma estrutura. Levando também em conta a origem, o desenvolvimento e a evolução das línguas, suas divisões em grupos, por estrutura ou famílias. É a ciência responsável pelo estudo da linguagem humana. Dentro deste campo de estudos, há várias áreas que são estudadas de maneira distinta por seus pesquisadores, como a sociolinguística, a linguística aplicada, a linguística histórica, que estudam aspectos que compõem a linguagem e como eles interferem na maneira de falar de cada indivíduo.

Foi com o suíço Ferdinand Saussure que essa ciência conhecida hoje como linguística foi iniciada, a partir de *O Curso de Linguística Geral*, publicado em 1916, “[...] sobre o qual se constituiu todo o edifício da linguística moderna [...]” (ORLANDI, 2009, p. 19).

Esses estudos foram deixados por Saussure e publicados posteriormente por dois alunos, Charles Baily e A. Sechehaye. Com isso se constituiu o objeto que a linguística investigaria, segundo Orlandi (2009, p.21);

Com Saussure, a linguística ganha um objeto específico: *a língua*. Ele a conceitua como um “sistema de signos”, ou seja, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo. Define, então, o signo como a associação entre *significante* (imagem acústica) e *significado* (conceito). Ele diz que é fundamental observar que a imagem acústica não se confunde com o som, pois ela é, como o conceito, *psíquica* e não física. Ela é a imagem que fazemos do som em nosso cérebro. (Grifos da autora)

Essa discussão sobre a língua vem desde Orlandi (2009), os gregos que deram um ponto de partida em muitos assuntos referentes, o que não era considerado nessa época é o fator muito importante de toda a discussão, que é a heterogeneidade da língua, essa capacidade dela de modificar-se com o passar dos anos e adequar-se a seu tempo, já que eles estudavam sobre a linguagem e não necessariamente a linguística (CABRAL, 2014, p. 02).

Essas mudanças ocorrem em muitos campos e há múltiplos motivos para elas acontecerem. Martin (2003, p. 122) nos diz que;

Há diversos fatores que influenciam no modo de falar das pessoas, como por exemplo; idade, sexo, grau de escolaridade, região, entre outros. Tais fatores tem um peso muito grande na maneira de falar dos indivíduos, pois, na qualidade de ser, a linguagem faz parte da realidade; mas sua função é fornecer um reflexo desta realidade.

Desse modo, percebemos o quão flexível é estudo de uma língua e, o quanto é importante atentar a todos os aspectos referentes a ela, pois cada um deles poderá dar um rumo diferente aos estudos, e, conseqüentemente, um resultado díspar.

Para entendermos melhor do que se trata essa ciência, concordamos com Martinet (1978), quando ele diz que:

A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Diz-se que um estudo é científico quando se baseia na observação dos fatos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos, em nome de certos princípios estéticos ou morais. 'Científico' opõe-se a 'prescritivo'. No caso da linguística, importa especialmente insistir no caráter científico e não prescritivo do estudo: como o objeto desta ciência constitui uma atividade humana, é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar determinado comportamento, de deixar de notar o que realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se.

Percebemos assim que os saberes linguísticos são de muita importância para o entendimento do funcionamento da língua, em todos os aspectos que a compõem (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) e, cada aspecto tem a sua contribuição para um conhecimento mais maduro do funcionamento da língua em estudo. Dessa forma, a linguística traz uma importante contribuição para a sociedade, já que discorre também sobre o uso da língua e como ela pode ser realizada de maneira diferente dependendo de algumas situações/casos, como; idade, escolaridade, região, entre outros.

Essas acepções nos ajudam a pensar o quanto de contribuição a linguística já trouxe para a sociedade e, que ainda pode trazer, o quanto ela vem sendo moldada por teóricos. Do estruturalismo de Ferdinand Saussure, ao gerativismo de Noam Chomsky, à sociolinguística de William Labov, cada um abordando seu ponto de vista sobre o uso da língua e sua estrutura.

Em línguas ágrafas, como a indígena, para conhecer a estrutura delas é necessário que o pesquisador busque o entendimento dela, ancorando-se nos estudos da fonologia/fonética, para conhecer seus sons, na sua morfologia, sintaxe, para entendermos como se dá a organização, não esquecendo da semântica na qual atribuiremos o sentido das palavras em determinada língua.

A partir desse estudo linguístico, o que era até então estranho ao pesquisador, vai se tornando familiar, de maneira que ele vai destrinchando alguns aspectos correspondentes à língua que está estudando. Ressalvamos que esse

processo não se dá do dia para noite, é uma caminhada longa e árdua até o pesquisador obter resultados precisos de tais línguas.

Após ser registrados esses resultados, acaba facilitando a vida de outros pesquisadores que podem usar dados já prontos para entender a língua a ser estudada, esses registros, muitas vezes, acabam tornando-se documentos e as únicas fontes de estudo de algumas línguas, por exemplo, línguas indígenas que por algum motivo venham a ser extintas.

Assim, vemos a relevância e o aporte que os estudos em linguística trazem para a sociedade, compreendemos sociedade por aqueles que se interessam por esse fenômeno, pois, ele dá suporte para algumas explicações que até então eram ocultas e negligenciadas por alguns falantes, que muitas vezes, desconheciam a própria língua nativa. Observamos também, a importância que há no estudo linguístico, que deve partir de pressupostos teóricos e ir ao encontro do seu objeto que é realizado de maneira real, com falantes/informantes que possam informar o objeto pesquisado.

## **2.1. Linguística indígena**

O Brasil é um país rico em diversidade linguística, línguas naturais que eram faladas por povos nativos no país antes mesmo da nossa língua portuguesa. Estamos abordando as línguas indígenas, que abrangem todo o país com diversas formas diferentes de realização. De 1500 até hoje, muitas línguas indígenas deixaram de existir, por não haver mais falantes e nem documentação delas.

Apesar da extinção de algumas línguas indígenas, Rodrigues (2005, p. 1), coloca que;

Presentemente, são faladas no Brasil 181 línguas indígenas. Esse número admite pequena margem de erro para mais ou para menos, devido principalmente à imprecisão, em alguns casos, da distinção entre línguas e dialetos (estes são variedades de uma língua tão pouco diferenciadas, que não dificultam a comunicação entre seus respectivos falantes). Nesse número podem estar incluídas duas ou três línguas que deixaram de ser faladas nos últimos cinco anos.

Vemos que apesar da extinção de diversas línguas indígenas, ainda há uma grande diversidade delas no nosso país, porém nem se compara com a diversidade

que havia antes. Há algumas línguas que existem falantes e há outras que estão apenas documentadas. Muitas dessas línguas indígenas foram perdidas por causa da violência que os povos sofreram desde a chegada dos portugueses, violência essa tanto física, quanto étnica. Rodrigues (2005), p. 2, afirma que;

A redução de 1200 para 180 línguas indígenas nos últimos 500 anos foi o efeito de um processo colonizador extremamente violento e continuado, o qual ainda perdura, não tendo sido interrompido nem com a independência política do país no início do século XIX, nem com a instauração do regime republicano no final desse mesmo século, nem ainda com a promulgação da “Constituição Cidadã” de 1988. Embora esta tenha sido a primeira carta magna a reconhecer direitos fundamentais dos povos indígenas, inclusive direitos lingüísticos, as relações entre a sociedade majoritária e as minorias indígenas pouco mudou.

Apesar de toda luta, ainda há uma certa exclusão das culturas indígenas, o que contribui e muito para a extinção dessas línguas no nosso país.

## **2.2. Classificação das línguas indígenas brasileiras**

As línguas indígenas brasileiras são classificadas em troncos ou famílias linguísticas. Essa classificação por família linguística é de natureza genética e inclui na mesma classe de línguas as que há evidências de pertencerem a uma mesma língua ancestral, analogamente às línguas românicas, que provêm do latim falado há cerca de 2.000 anos na Europa ocidental (RODRIGUES, 2005, p. 1).

As línguas indígenas são classificadas em famílias genéticas, em que são distinguidas em aproximadamente 43 famílias, das quais algumas consistem em uma só língua e caracterizam o que é também chamado de “língua isolada”, “termo pouco significativo, uma vez que frequentemente esse isolamento decorre de acidentes históricos e, no caso das línguas do Brasil, mais provavelmente do processo colonizador, que exterminou os povos que falavam outras línguas de uma mesma família” (RODRIGUES, 2005, p. 1). Essas famílias se mantêm vivas pelos seus falantes que ainda perpetuam a sua língua.

Há documentações de línguas pertencentes aos séculos passados que dão uma ideia de como era dada a realização delas, porém não há mais falantes nativos. Essas línguas pertencem a diversas famílias. Essas famílias, em muitos casos contam com poucas línguas em sua descendência, ou até nenhuma, por ter havido o apagamento de muitas línguas e, conseqüentemente o de algumas famílias. Segundo Rodrigues (2005, p. 1-2);

Esse é o caso de várias famílias lingüísticas do Brasil oriental, como a karirí, a kamakã e a purí. Por outro lado, entre algumas famílias têm sido reconhecidas propriedades comuns de natureza tal que só podem ser explicadas por uma origem comum mais remota do que as que justificaram a constituição de cada família. Nesse caso postula-se uma classe genética mais abrangente e de maior profundidade temporal, o tronco lingüístico. No Brasil reconhece-se um tronco bem estabelecido, o tupi, que compreende dez famílias, e outro de caráter ainda bastante hipotético, o macro-jê, abrangendo doze famílias.

As línguas são separadas nesses troncos conforme a sua família, a sua semelhança enquanto sua estrutura linguística.

Dessa forma, podemos perceber que o estudo em línguas indígenas contribuíram para a perpetuação da cultura de um povo, que apesar de muitos massacres físicos e étnicos lutaram com garra e conseguiram manter parte de sua cultura viva, nos proporcionando hoje, o estudo de culturas nativas dos povos que desde a colonização não puderam ecoar a sua voz no país.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Neste capítulo, veremos em que teoria está embasado o nosso trabalho e como se deu a sua constituição a partir do uso dos aspectos metodológicos.

#### 3.1. Fonologia: Desbravando sons

A fonologia é uma área indispensável em estudos linguísticos, já que tem como encargo o estudo dos sons, em que “estabelece os princípios que regulam a estrutura sonora das línguas, caracterizando as sequências de sons permitidas e excluídas na língua em questão” (SILVA, 2015, p. 17). Dessa forma, a área passa a ser indispensável, já que sem ela não é possível estudar nenhuma língua. Sua menor unidade de estudo é o fonema, que tem a função de estabelecer a diferença de significado entre as palavras.

Os sons são produzidos a partir do aparelho fonador, que é uma parte do nosso corpo humano que em conjunto permite que nós possamos produzir sons diversos. O aparelho fonador é formado por três sistemas diferentes: o sistema respiratório, sistema fonatório e sistema articulatório. O sistema respiratório compreende: os pulmões, os músculos pulmonares, os brônquios e a traquéia. O sistema fonatório compreende: a laringe (local em que está a glote). O sistema articulatório compreende: a faringe, a língua, o nariz, o palato, os dentes e os lábios. Segundo Silva (2015, p. 25), “Os três sistemas descritos acima caracterizam o **aparelho fonador** e são fisiologicamente responsáveis pela produção dos sons da fala”.

Para a produção de sons também há outros requisitos necessários, como; o mecanismo da corrente de ar (quase todos os sons produzidos por seres humanos passam por essa corrente), há a corrente ingressiva e egressiva, no português utilizamos a egressiva, que é quando “o ar se dirige para fora dos pulmões e é expelido por meio da pressão exercida pelos músculos do diafragma” (SILVA, 2015, p. 27). Ainda há a glote, que “é o espaço entre os músculos estriados que podem ou não obstruir a passagem de ar dos pulmões para a faringe” (SILVA, 2015, p. 27),

esses músculos são as famosas cordas vocais. A partir do modo como a glote opera na produção de um som, podemos dizer que ele é vozeado<sup>7</sup> ou desvozeado<sup>8</sup>.

Temos também o véu palatino/palato mole e a úvula. A qualidade oral ou nasal do segmento é determinada a partir da posição do véu palatino. A úvula, está localizada no fim do véu palatino/palato mole e, ajuda na definição do segmento nasal e oral.

Os articuladores podem ser ativos e passivos. No caso dos articuladores ativos, eles têm a capacidade de se movimentar, sempre em direção aos articuladores passivos, modificando a forma do trato vocal, ou seja, eles são os articuladores que podem se locomover, diferente dos passivos que não têm essa capacidade, já que eles são imóveis.

Compreendemos por articuladores ativos: “o lábio inferior (que modifica a cavidade oral), a língua (que modifica a cavidade oral), o véu palatino (que modifica a cavidade nasal) e as cordas vocais (que modificam a cavidade faringal)” (SILVA, 2015, p. 30). Já os articuladores passivos são: “o lábio superior, os dentes superiores e o céu da boca que se divide em: alvéolos, palato duro, véu palatino (ou palato mole) e úvula” (SILVA, 2015, p. 31)

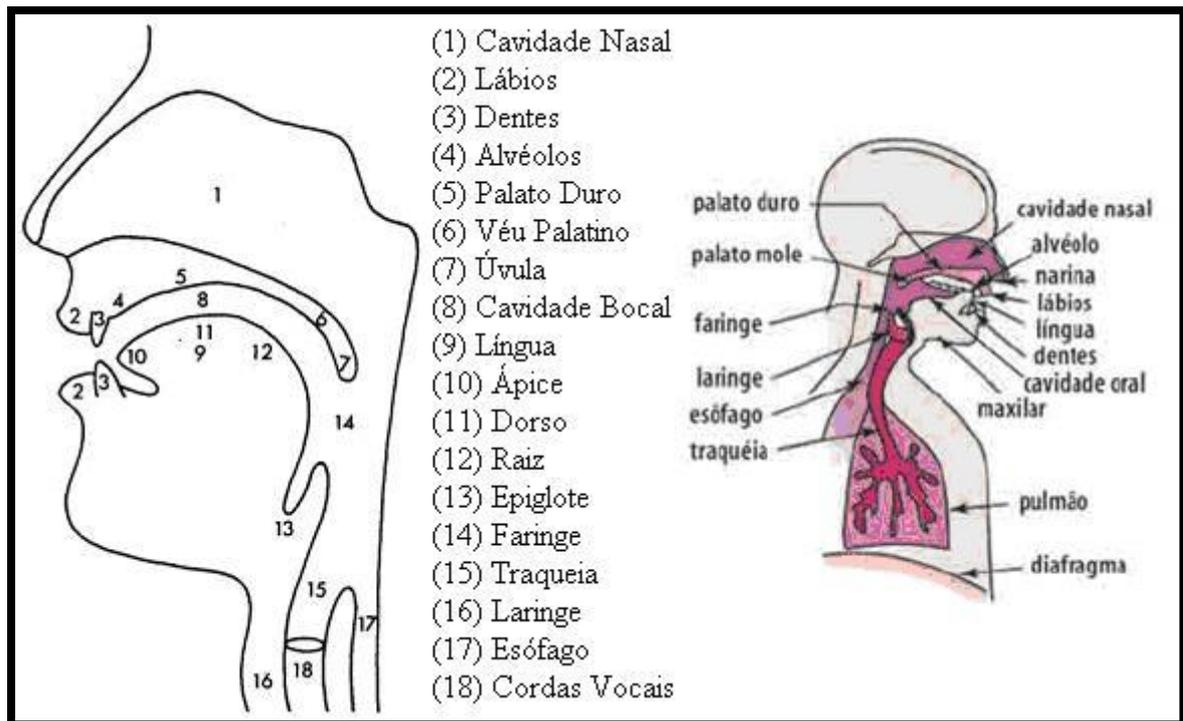
Abaixo, na figura 2, podemos ver o aparelho fonador com todas as partes descritas.

**Figura 2: Aparelho Fonador**

---

<sup>7</sup> “[...] quando as cordas vocais estiverem vibrando durante a produção de um determinado som” (SILVA, 2015, p. 27).

<sup>8</sup> “[...] quando não houver vibração das cordas vocais. Não há vibração das cordas vocais nem ocorre ruído durante a produção de um segmento desvozeado” (SILVA, 2015, p.27).



Fonte: <<http://fonticaarticulatria.blogspot.com/2011/05/o-aparelho-fonador.html>>

Vimos até agora como se dá o processo para a produção a som. Agora, veremos que, esses sons não são aleatórios e em cada língua ele é estudado conforme a sua realização. Esses sons são catalogados pelo IPA (International Phonetic Alphabet), que é o alfabeto fonético internacional, que contém todos os sons das línguas naturais e, é um aporte utilizado por pesquisadores da área linguística, porque a partir do momento em que é dado o som (e se tem conhecimento dele) é possível saber como se pronuncia as palavras em outra língua. Nesse alfabeto, é colocado os sons de vogais e de consoantes, sendo mostrado na tabela, o modo<sup>9</sup> e o lugar<sup>10</sup> de articulação e também se o som é vozeado ou não, no caso das consoantes.

Abaixo veremos a imagem da tabela do IPA;

**Figura 3: Tabela do IPA.**

<sup>9</sup> “A maneira ou o modo de articulação de um segmento está relacionado ao tipo de obstrução da corrente de ar causada pelos articuladores durante a produção de um segmento” (SILVA, 2015, p.33).

<sup>10</sup> “A partir da posição do articulador ativo em relação ao articulador passivo (podendo ou não haver o contato entre eles) podemos definir o **lugar de articulação**” (SILVA, 2015, p. 31).

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 1993)

CONSONANTS (PULMONIC)

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			r					ʀ		
Tap or Flap				ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a voiced consonant. Shaded areas denote articulations judged impossible.

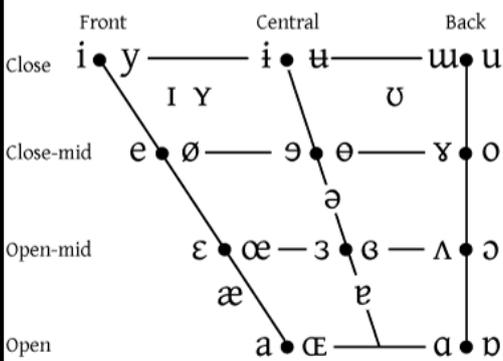
CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Clicks	Voiced implosives	Ejectives
◌ ɸ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ as in:
◌ ɗ Dental	ɗ Dental/alveolar	ɸ' Bilabial
◌ ɗ̥ (Post)alveolar	ɟ Palatal	t' Dental/alveolar
◌ ɗ̥ Palatoalveolar	ɠ Velar	k' Velar
◌ ɗ̥ Alveolar lateral	ɠ Uvular	s' Alveolar fricative

SUPRASEGMENTALS

	TONES & WORD ACCENTS		
	LEVEL	CONTOUR	
ˈ Primary stress	founə'tɪʃən	é or ɛ Extra high	↗ Rising
ˌ Secondary stress		é High	↘ Falling
ː Long	eː	ē Mid	↗ High rising
ˑ Half-long	eˑ	è Low	↘ Low rising
◌ Extra-short	e̥	è Extra low	↗ Rising-falling etc.
◌ Syllable break	ɹi.ækt	↓ Downstep	↗ Global rise
◌ Minor (foot) group		↑ Upstep	↘ Global fall
◌ Major (intonation) group			
◌ Linking (absence of a break)			

VOWELS



Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a rounded vowel

DIACRITICS Diacritics may be placed above a symbol with a descender, e.g. ɲ̥

◌ Voiceless	ɲ̥ ɖ̥	◌ Breathily voiced	ɲ̤ ɖ̤	◌ Dental	ɲ̪ ɖ̪
◌ Voiced	ɲ̬ ɖ̬	◌ Creaky voiced	ɲ̰ ɖ̰	◌ Apical	ɲ̺ ɖ̺
◌ Aspirated	tʰ dʰ	◌ Linguolabial	t̟ d̟	◌ Laminal	t̟̪ d̟̪
◌ More rounded	ɔ̞	◌ Labialized	tʷ dʷ	◌ Nasalized	ẽ
◌ Less rounded	ɔ̜	◌ Palatalized	tʲ dʲ	◌ Nasal release	d̚
◌ Advanced	u̟	◌ Velarized	t̤ ɖ̤	◌ Lateral release	d̚ˀ
◌ Retracted	u̠	◌ Pharyngealized	tˤ ɖˤ	◌ No audible release	d̚̚
◌ Centralized	ẽ	◌ Velarized or pharyngealized	ɫ		
◌ Mid-centralized	ẽ	◌ Raised	e̝ (ɹ = voiced alveolar fricative)		
◌ Syllabic	ɹ̩	◌ Lowered	e̞ (β = voiced bilabial approximant)		
◌ Non-syllabic	e̯	◌ Advanced Tongue Root	e̟		
◌ Rhoticity	ɻ̥	◌ Retracted Tongue Root	e̠		

OTHER SYMBOLS

◌ Voiceless labial-velar fricative	ɸ	◌ Alveolo-palatal fricatives	ɕ ʝ
◌ Voiced labial-velar approximant	ɸ̥	◌ Alveolar lateral flap	ɺ
◌ Voiced labial-palatal approximant	ɸ̥	◌ Simultaneous ʃ and x	ʃx
◌ Voiceless epiglottal fricative	ħ	Affricates and double articulations can be represented by two symbols joined by a tie bar if necessary	
◌ Voiced epiglottal fricative	ɦ		
◌ Epiglottal plosive	ʕ		

k̟p̟ t̟s̟

Atentando a isso, é perceptível que ao estudar os fonemas estamos estudando a constituição das palavras a partir dos sons que os falantes reproduzem. Uma língua possui diversos fonemas, mas não há um número exato que possa ser dado a tal ocorrência. De maneira que ao falar o homem emite sons, diversificados, que dependendo da região que o falante está localizado, podem ser realizados de formas diferentes. No mesmo campo vem a fonética, que “é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana” (SILVA, 2015, p. 23).

Nas línguas indígenas, a fonética e a fonologia têm um papel fundamental para o estudo e compreensão dessas línguas, já que é o estudo do som que o pesquisador irá usar como base para ir compreendendo o sistema linguístico e futuramente conclusões que o estudo julgar necessário. Esse estudo torna-se mais importante nessa área, por colaborar com a pesquisa de línguas nativas que muitas vezes não são dicionarizadas e se perdem no tempo. É sabido que hoje há aproximadamente 180 línguas indígenas que são faladas no território brasileiro. Porém, há poucas com um estudo mais aprofundado. Segundo Silva, 2015, p. 22, “do ponto de vista teórico o estudo destas línguas permite a ampliação do conhecimento dos mecanismos que regulam as línguas naturais. Do ponto de vista prático registra-se tecnicamente a língua nativa [...]”.

Borba (2008, p. 99), diz que, “A fonética ocupa-se da parte significativa do signo e, portanto, estuda os sons possíveis de serem produzidos pelo aparelho fonador humano. Os fonéticos fornecem o material indispensável para a descrição fonológica”, nesse sentido, complementamos a ideia inicial, da importância nessa área no estudo linguístico. Essa importância se dá a partir do momento em que uma língua é estudada, seja essa língua de conhecimento do pesquisador ou não.

Os elementos supracitados nos permitiram observar algumas características da produção do som e também que é esse mesmo som o objeto de estudo da fonologia. É importante destacar que é uma breve contextualização para que o leitor tenha mais ferramentas para compreender o que estamos analisando no nosso trabalho que é um morfema de uma língua indígena em suas diferentes realizações.

### **3.1.1. Fonemas do Yaathe**

No caso da língua indígena em estudo, o Yaathe, ela “possui um inventário de 33 fonemas, sendo 21 consonantais e 12 vocálicos” (SILVA, 2016, p. 34). E na formação das sílabas;

O Padrão silábico é (C)(C)V(C), com V podendo ser uma vogal longa. Os seguintes tipos de sílabas são possíveis: V, CV, VC, CVC, CCV e CCVC. A sílaba mínima é V ou V: e todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição de onset simples [...]. (SILVA, 2016, p. 35).

Costa (1999), descreve os principais processos fonológicos do Yaathe, “[...] processos de assimilação – desvozeamento, nasalização, palatalização e labialização – harmonia vocálica, alongamento compensatório, apagamentos diversos, tanto de vogais como de consoantes, fusão e elisão de vogais”. Abaixo podemos ver a tabela consonantal e vocálica do Yaathe.

**Quadro 1: Fonemas consonantais do Yaathe.**

Quadro 1	Labiais		Coronais				dorsal	glotal	
			+ant		-ant				
		asp	t	d	t <sup>h</sup>		asp		asp
Oclusivas	p	p <sup>h</sup>	t	d	t <sup>h</sup>			k	k <sup>h</sup>
Fricativas	f		s			ʃ			
Africadas			ts			tʃdʒ	tʃ <sup>h</sup>		
Nasais	m		n						
Laterais			l			ʎ			
Aproximantes	w					j			

Fonte: Silva (2015)

**Quadro 2: Fonemas vocálicos do Yaathe**

Quadro 2	Labial		Coronal		Dorsal	
	-longo	+longo	-longo	+longo	-longo	+longo
Aberto 1	u	u:	i	i:		
Aberto 2	o	o:	e	e:		
Aberto 3	ɔ		ɛ		a	a:

Fonte: Silva (2015).

De modo geral, percebemos que os sons são influenciadores no estudo das línguas e que eles permitem a observação dos aspectos inerentes ao nosso objeto de estudo. Para o aprofundamento do estudo na língua Yaathe, deixamos algumas referências, como; COSTA (1999), SILVA (2011), SILVA (2015).

### **3.2. Morfologia: estudando a estrutura das palavras**

Partiremos agora para uma breve exposição da morfologia e o conceito de morfema. A morfologia é uma área em que se estuda a formação/estrutura e classificação das palavras. Na linguística se aplica no dia-a-dia em nossas conversações e em nossas formas de se expressar. Tradicionalmente, principalmente pela visão da gramática normativa e pelo senso comum ela se resume nas dez classes de palavras, que são: Substantivo, Artigo, Adjetivo, Numeral, Pronome, Verbo, Advérbio, Preposição, Conjunção e Interjeição.

Dessas classes, temos as consideradas lexical ou aberta, que são consideradas assim por estar em relação com a língua e as coisas do mundo, por isso estão sempre se renovando, sendo os substantivos, verbos, adjetivos e advérbios componentes dessa classe. Há também a gramatical ou fechada, que são usadas dentro do próprio sistema da língua, sem relação com o mundo, por isso ou não se alteram, ou se alteram pouco, sendo os numerais, pronomes, artigos, preposições, conjunções, componentes dessa classe. Segundo Batista, 2011, p. 67, “A classe é fechada porque os inventários são em número mais limitado, e mesmo uma expansão (ou alteração nessas classes) pressupõe processos complexos de mudança linguísticas”.

A morfologia, tratando-se de formas, segundo Borba, 2008, p. 143;

[...] ocupa-se das condições de estruturação da parte significante dos signos e bem assim das regras que determinam as possíveis variações dos significantes. Esse enfoque parece muito genérico, mas é uma maneira de enfatizar o caráter fônico da morfologia. De fato, da combinatória fônica é que resultam os padrões morfológicos: os fonemas se combinam em sílabas para formar os *morfemas*, que são unidades de primeiro nível gramatical, ou então, unidades significativas de primeiro nível.

Assim, percebemos do que trata a morfologia e o seu objeto de estudo. Ainda segundo Batista, 2011, p. 47, “A morfologia ocupa-se das palavras, estudando sua estrutura e formação, bem como suas flexões e classificação”, apontando ainda que “O objetivo da morfologia, ramo dos estudos das ciências da linguagem, é investigar

do que é constituída uma palavra, quais são seus elementos básicos e suas regras de combinação”. Conseguimos entender tais conceitos ao comparar palavras na língua, por exemplo; “flor e flores”, percebemos que há uma diferença entre as palavras e, conseguimos explicá-la através da morfologia.

Observamos o que comporta a área da morfologia e o que ela estuda. Como um ramo da ciência da linguagem, não poderia ser diferente, ao estudar/investigar a estrutura/constituição de uma palavra. Como já dito, aqui foi feita uma breve exposição para que o leitor compreenda de maneira geral do que trata a morfologia, já que o objeto de estudo do nosso trabalho é um morfema.

### **3.2.1. Conceito de morfema**

O morfema é a menor unidade de significado/discurso na língua. Nisso, compreendemos que ele forma a palavra. Já que a palavra não é um todo, é uma unidade de estrutura, formada por partes menores, que são os morfemas. Os morfemas são constituídos/atrelados aos semas, sendo que um único morfema pode conter vários semas. Os semas são a unidade mínima de significação de uma palavra ou de um morfema.

Os morfemas também podem ser lexicais e gramaticais. No caso dos lexicais eles possuem um significado externo, relacionando-se ao mundo extralinguístico, sendo assim um conjunto aberto, em que novos elementos podem ser acrescentados.

Os morfemas gramaticais são os que possuem um significado interno à sua estrutura gramatical, eles também podem ter a função de reunir nas frases os vocábulos constituintes.

Há ainda o morfe e o alomorfe. O primeiro estabelece a realização do morfema. Existem morfemas que são produzidos por um único morfe. O alomorfe, é a realização de um morfema por dois ou mais morfes diferentes. Segundo Borba, (2008, p. 148) “Os vários morfes que são representações de um mesmo morfema são os seus alomorfes”.

O morfema ainda pode ser vazio e zero. O morfema vazio, é aquele que apresenta uma forma, mas não tem nenhum significado. O morfema zero, é aquele que não aparece o significante, mas aparece o significado. Ainda há o morfema subtrativo que segundo Borba, 2008, p. 158, “O morfema subtrativo não deve ser

confundido com o morfema zero, que é a ausência de morfemas sem possibilidade de comparação paralela. Na verdade, trata-se da existência de certos valores gramaticais em certos contextos sem expressão mórfica”.

Ainda na linha de pensamento de Borba (2008, p. 51), podemos ver que “Quanto à distribuição podemos ter os seguintes casos de morfemas: Livres/presos, nucleares/periféricos ou não nucleares, mutuamente exclusivos, obrigatórios/não obrigatórios, bloqueadores/não bloqueadores”.

### 3.2.2. Morfologia do Yaathe

No Yaathe, “As classes de palavras principais são nomes, verbos, adjetivos e advérbios. As outras palavras são definidas como classes menores, chamadas de operadores de conexão de sentenças, pronomes e outras pró-formas, quantificadores e auxiliares” (SILVA, 2016, p. 18). Há duas classes de nomes, os possuídos<sup>11</sup> e os não possuídos. O gênero é feminino e masculino, não há gênero neutro. O feminino pode ser marcado por três sufixos: /-ne/<sup>12</sup>, /-sV/ e /-neka/. O masculino não é marcado.

Em relação aos verbos:

As formas verbais podem ser modificadas tanto derivacional quanto flexionalmente, por morfemas sufixais que expressam uma ampla gama de significados. Clíticos pronominais proclíticos funcionam como marcadores de pessoa e número, bem como de funções sintáticas, e não foram considerados como parte da palavra gramatical verbo. (SILVA, 2016, p. 23).

Destacamos aqui, os verbos de “formas cristalizadas com um sufixo /-ne/, causativo ou factivo” (SILVA, 2016, p. 22). Já que ele é o nosso objeto de estudo.

Dessa forma, vimos a significação que há nessa unidade de menor estrutura de uma língua que é o morfema. Observamos também, toda a importância/relevância que há no seu estudo. Atentando que, ao estudar o morfema, estará estudando a constituição das palavras. Por isso a importância de destacar essa área neste trabalho, já que pesquisamos um morfema de uma língua indígena.

### 3.3. Metodologia da pesquisa

---

<sup>11</sup> “[...] os nomes que referem a partes do corpo humano e a relações de parentesco” (SILVA, 2016, p. 18).

<sup>12</sup> Nosso objeto de estudo.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho é recorrentemente usada em pesquisas dessa área, a linguística descritivista. Para a obtenção dos resultados foi necessário a coleta de dados, transcrição, tratamento e elicitación dos dados, tendo sido submetido à análise correspondente à teoria referente ao objeto pesquisado.

Primeiramente, foi necessário a entrevista com índios Fulni-ô. Nessa entrevista, os estudantes que integram o Grupo de Estudo em Línguas Indígenas (GELIND) prepararam uma lista de palavras ou uma lista de frases (ou ambas, dependeria da necessidade da pesquisa), na língua portuguesa.

Na entrevista, foi utilizado um gravador profissional disponibilizado pela fonUFAL. Após os ajustes necessários, os entrevistadores/estudantes usavam sua lista de palavras/frases, fazendo a pergunta em português e o entrevistado respondendo em Yaathe. É importante salientar que foi pedido aos entrevistados que respondessem compassadamente e, se possível, falar duas vezes em Yaathe. Após o uso dessas listas, o entrevistador/estudante pedia para o entrevistado contar alguma história (livre) em Yaathe e fazer uma tradução livre para o português.

Após a coleta de dados, foi feita a transcrição deles e, a separação dos dados que correspondem ao objeto da nossa pesquisa.

Na transcrição do corpus, utilizamos o sistema de transcrição IPA (Alfabeto Fonético Internacional), criado pelo *Summer Institute of Linguistics* (SILVA, 2011).

Trabalhamos com quatro informantes, além de utilizar trabalhos já realizados sobre a língua, como o de Costa (1999), e os de Silva (2011) e Silva (2016). Nossos informantes têm entre 30 e 40 anos, falantes nativos que sempre viveram na comunidade. Tendo sido três mulheres e um homem, sendo este último professor do Yaathe.

#### 4. Morfema /-ne/: Resultados e discussões

Neste capítulo, veremos o papel do morfema /-ne/ na língua Yaathe, quando usado para marcar palavras femininas e em verbos causativos e factivos. Levando em consideração que cada morfema tem um papel a desempenhar na língua, mas que nem sempre esse papel é unívoco, há casos em que é desempenhado mais de um papel.

Com a pesquisa, chegamos à conclusão de que o morfema /-ne/, pode demarcar palavras femininas e, também, verbos em formas cristalizadas, sendo os verbos factivos e causativos. Dessa maneira, o nosso morfema estudado desempenha mais de uma função no Yaathe e o seu uso dependerá da forma em que a língua será usada pelo falante. Atentando que, para compreendermos o papel que o morfema está desempenhando nas palavras da língua, é necessário compreender o que antecede a palavra, e em alguns casos até o que a sucede.

Nos casos em que ele se aplica em palavras femininas, segundo Silva (2016, p. 19), "O gênero pode ser indicado por sufixos, apresentando-se três formas para o feminino. O masculino é a forma não marcada [...]". A escolha da forma pode ser devida a propriedades formais ou semânticas do nome, fato não investigado nos trabalhos que utilizamos.

Essas formas de marcação do feminino são: /-sV/, /-neka/ e o morfema /-ne/. Nos exemplos a seguir, ocorrem apenas a forma [ne], única encontrada em nossos dados.

1) [til'fɨ] /tilfɨ/ bonito <b>bonito</b>	[til'fɨne] /tilfɨ-ne/ bonito-FEM <b>bonita</b>
2) [wa'le] /wale/ porco <b>porco</b>	[wa'lene] /wale-ne/ porco-FEM <b>porca</b>
3) [its'de] /itsde/	[its'dēne] /itsde-ne/

tio <b>tio</b>	tio-FEM <b>tia</b>
4) [kletʰa'se] /kletʰa-se/ cantar-PART <b>o que canta</b>	[kletʰa'sêne] /kletʰa-se-ne/ cantar-PART-FEM <b>a que canta</b>
5) [mti] /mti/ amigo <b>amigo</b>	[mtine] /mti-ne/ amigo-FEM <b>amiga</b>
6) [lefetija] /lefetija/ boi <b>boi</b>	[lefetijane] /lefetija-ne/ Boi-FEM <b>Vaca</b>

Segundo Silva (2016, p.93);

O morfema /-ne/ gênero feminino, que ocorre na maior parte das raízes nominais que se modificam em gênero, comporta-se como parte da palavra fonológica em relação ao acento. Assim, uma palavra nominal que, lexicalmente possui acento da última sílaba, o acento é aí mantido depois que o sufixo /-ne/ lhe é associado.

Podemos perceber essas afirmações com os exemplos abaixo:

7) [ja'li] /jali/ Camarada O camarada (Vocativo informal usado para homens)
[ja'line] /jali-ne/ Cara-FEM A camarada (Vocativo informal usado para mulheres)

8) [i'ʃi] /i=ʃi/ ISGPOS=irmão Meu irmão	[i'ʃine] /i=ʃi=ne/ ISGPOS=irmão=FEM Minha irmã
--	---

Nesse sentido, percebemos com alguns exemplos, como o morfema /-ne/ é usado no Yaathe para marcar gênero, especificamente, o feminino. Mas, há algumas palavras que não possuem a forma masculina e, mesmo assim, possuem o morfema. Isso se deve ao fato dessas palavras serem femininas, independentemente de haver outra demarcação de gênero. Vejamos alguns exemplos abaixo:

9) [foãne] /foã-ne/ -FEM <b>Serra</b>	10) [ktsa'lêne] /ktsalê-ne/ -FEM <b>Mensagem</b>
--	---

Outra função do morfema de gênero feminino /-ne/ é indicar afetividade.

11. [see'to] Pássaro	[see'tõne] Pássaro de estimação
-------------------------	------------------------------------

Quando associado a uma raiz verbal, o morfe [-ne] representa o morfema /-ne/, que significa, de modo geral, "fazer". Conforme Costa (1999, p. 111),

Um novo verbo pode ser formado a partir de:

\_\_\_raiz + ne  
Ex: walaka -ne -ka  
manga-FAC.-IND.  
"mangar"

Silva (2016, p. 22) afirma que em Yaathe podem ocorrer verbos com "formas cristalizadas com um sufixo /-ne/, causativo ou factivo". Quer dizer que o sufixo /-ne/ tem uma função derivacional: um nome pode derivar um verbo, como em 12), 13),

15), 16), 17), 18), 19), 21), 22), 25) e 26) e uma forma verbal pode derivar uma outra forma verbal como um causativo, como em 14), 20), 23) e 24).

12) [wɛne'ka] /wɛ-ne-ka/ abertura-FAC-IND <b>abrir (fazer abertura)</b>	13) [tli'tli:kia] /tli-li-ne-ka/ tinido-FAC-IND <b>tinir (fazer tli-li)</b>	14) [nã:ne'ka] /naha-ne-ka/ ver-CAUS-IND <b>mostrar (fazer ver)</b>
15) [mi:ne'ka] /mi-ne-ka/ Apertar-FAC-IND <b>Apertar</b>	16) [kil'kia] /kil-ne-ka/ Levantar-FAC-IND <b>Levantar</b>	17) [lɛ:neka] /lɛ-ne-ka/ Arrancar-FAC-IND <b>Arrancar</b>
18) [kɛlne'ka] /kɛl-ne-ka/ Brincar-FAC-IND <b>Brincar</b>	19) [tɔlne'ka] /tɔl-ne-ka/ Segurar-FAC-IND <b>Segurar</b>	20) [satʃidʒone'ka] /satʃidʒo-ne-ka/ Namorar-CAUS-IND <b>Namorar</b>
21) [walakane'ka] /walaka-ne-ka/ Mangar-FAC-IND <b>Mangar</b>	22) [po:ne'ka] /po-ne-ka/ Cair-FAC-IND <b>Cair</b>	23) [fawne'ka] /faw-ne-ka/ Gritar-CAUS-IND <b>Gritar</b>
24) [phɔ:ne'ka] /phɔ-ne-ka/ Furar-CAUS-IND <b>Furar</b>	25) [fɔene'ka] /fɔe-ne-ka/ Pescar-FAC-IND <b>Pescar</b>	26) [tfone'ka] /tfo-ne-ka/ Caçar-FAC-IND <b>Caçar</b>

Nos exemplos acima, vimos como ocorre o morfema /-ne/ como marcador de verbos na forma cristalizada<sup>13</sup> factiva e causativa. Essas maneiras exprimem, no caso dos verbos causativos, que um verbo já usado na língua pode tornar-se outro ao se associar ao morfema /-ne/, nesse caso, o morfema tem a função de transformar um verbo em outro.

No caso dos factivos, seria uma palavra, um substantivo por exemplo, em todo caso um não-verbo, que se juntando ao morfema /-ne/ se tornaria um verbo, nesse prisma, o morfema transforma um nome em um verbo. Como já citado, para identificarmos esses casos é necessário que saibamos o significado da palavra a ser

<sup>13</sup> Aquelas que não se alteram, são transparentes.

analisada, saber o significado do que vem antes e depois do nosso morfema estudado.

É possível vermos também, em Costa (1999, p. 229) a observação de que: “O modo potencial é marcado pelo morfema preso /-ne/, mas só ocorre com valor de futuro, o que parece configurá-lo como um modo-tempo profético, ou como uma modalidade deôntica (obrigação)”.

27) [dʒo'kahe]

/i= o-ka-he/

1SGS= ir-IND-FUT

eu irei

28) [dʒõne]

/i= o-ne/

1SGS= ir-POT

eu irei (com certeza)

Verificamos, assim, ainda que preliminarmente, que o morfe [-ne] codifica dois morfemas distintos na língua: em formas nominais, ele representa o morfema de gênero feminino; em formas verbais, é um morfema verbal e deriva um verbo a partir de um nome ou um verbo causativo a partir de outro verbo.

Do ponto de vista da alternância, vimos que ele apresenta duas formas: em [til'jine] e em [wene'ka], sua forma fonética é [ne], igual à forma fonológica; em [tli'tlĩ:kia], foneticamente ele é expresso pela nasalização e alongamento da vogal precedente. É um morfema versátil por permitir modificações em seu contexto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória percorrida para a escrita deste trabalho cada detalhe é de extrema importância. Desde a tarefa de entrevistar índios da tribo Fulni-ô, em Águas Belas, Pernambuco a obtenção dos resultados, todo detalhe é de muita importância. Todo esse processo acrescenta experiências a nossa vida acadêmica.

Perpassamos por diversas etapas para podermos chegar a uma conclusão. Desde o uso dos gravadores profissionais (com a oportunidade de entrevistar, falar diretamente com os entrevistados) ao que foi obtido na pesquisa. Tivemos que ouvir os áudios e transcrevê-los, selecioná-los conforme a nossa pesquisa, embasá-los em leituras anteriores e, coloca-los em prática, discorrer tudo que aprendeu sobre o objeto. Complementado ainda, com dados de pesquisas anteriores. Todo esse processo resultará na finalização do trabalho. Diversas são as etapas/desafios que o pesquisador enfrenta para chegar a finalização desse ciclo. E em cada etapa é preciso o máximo de cuidado para não ser alterado o resultado.

Com toda a discussão proposta neste trabalho, estudamos o morfema /-ne/ mais a fundo, em que foi observado a sua função, a sua distribuição e sua alternância na língua Yaathe. Observamos que ele pode demarcar palavras femininas e, também, verbos em formas cristalizadas, sendo os verbos factivos e causativos. Percebemos então, que o nosso morfema estudado desempenha mais de uma função no Yaathe e o seu uso dependerá da forma em que a língua será usada pelo falante. Atentando que, para compreendermos o papel que morfema está desempenhando nas palavras da língua, é necessário compreender o que antecede a palavra, e em alguns casos até o que sucede. Esse trabalho, junto com os outros do projeto, contribuem para a documentação dessa língua tão rica de cultura.

Estudar uma língua indígena é com certeza um prazer imenso, prazer esse que, todo pesquisador/linguista deveria conhecer. Além de termos oportunidade de conhecer aspectos de uma língua diferente da nossa, temos o prazer de mergulhar em uma cultura tão rica e que deu início ao nosso país e, que, infelizmente tentaram/tentam apagar brutalmente.

Ao estudar uma língua indígena, sabemos o nosso papel e a importância que tem. Isso porque estamos em meio a uma cultura que foi massacrada em toda a história do Brasil. Esse massacre fez com que muitas línguas fossem apagadas, que muitas histórias viessem ao chão.

Se olharmos por esse viés, torna-se cada vez mais gratificante estudar uma riqueza cultural do nosso Brasil. Mas, chegar a resultados precisos em uma língua totalmente diferente da nossa língua portuguesa é um trabalho árduo e que necessita de muita atenção e comprometimento para com o seu objeto de estudo.

Nesse aspecto, torna-se necessário enaltecer mais uma vez a oportunidade de ter estudado no grupo de estudo em línguas indígenas (GELIND) e ter participado do PIBIC, pois foi através desses programas que surgiu a oportunidade de estudar a cultura indígena. Além de ter sido uma experiência enriquecedora no intuito de colaborar com a pesquisa científica.

Contudo, foi importante ver através do nosso objeto de estudo toda a versatilidade que pode haver em uma língua indígena. No nosso caso, vemos um morfema que tem mais de uma função e nela se alterar. Demonstrando que todas as línguas possuem particularidades e, são essas particularidades que tornam as línguas tão ricas.

## REFERÊNCIAS

- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença: um estudo introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas, SP: Editora Pontes, 16ª Edição – 2008.
- CABRAL, Marina da Silva. **Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística**. Santa Catarina: UOX, revista acadêmica de Letras-português, 2014.
- COSTA, Januacele Francisca da. **Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Recife, 1999.
- IMAGEM GOOGLE. **Figura do aparelho fonador**. Disponível em: <<http://fonticaarticulatria.blogspot.com/2011/05/o-aparelho-fonador.html>>. Acessado em: 27 de agosto de 2018.
- IMAGEM GOOGLE. **Figura da tabela do IPA**. Disponível em: <<https://vignette.wikia.nocookie.net/conlang/images/7/74/lpa-chart-all-1000px.png/revision/latest?cb=20070319214200&path-prefix=pt>> . Acessado em: 29 de setembro de 2018.
- MARTIN, Robert. **Para entender a linguística**. Tradução: BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. 8 ed. Lisboa: Martins Fontes, 1978.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. Ed. 2. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil**. Línguas do Brasil/Artigos, 2005.
- SILVA, Fabia Pereira da. **A organização prosódica da yaathe, a língua do povo fulni-ô**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2016.
- SILVA, Fabia Pereira da. **A sílaba em Yaathe**. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2011.
- SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. Ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.